Revista Educação, Direito e Sociedade
ISSN 3086-2531

METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO DE PSICOLOGIA NA ERA DIGITAL: NOVOS OLHARES PEDAGÓGICOS

ACTIVE METHODOLOGIES IN PSYCHOLOGY EDUCATION IN THE DIGITAL ERA: NEW PEDAGOGICAL PERSPECTIVES

METODOLOGÍAS ACTIVAS EN LA ENSEÑANZA DE LA PSICOLOGÍA EN LA ERA DIGITAL: NUEVAS PERSPECTIVAS PEDAGÓGICAS

Michele Fröhlich Marquetto[1]
Elisabete Cerutti[2]

RESUMO
O ensino de Psicologia, diante das transformações tecnológicas e sociais do século XXI, demanda a reconfiguração das práticas pedagógicas para responder às novas exigências educacionais. Este estudo, fundamentado nas concepções de Paulo Freire e nas reflexões de Imbernón (2016), tem como objetivo analisar o papel da inovação pedagógica e das tecnologias digitais no Ensino Superior. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica de obras e artigos que abordam educação, inovação pedagógica e o uso de recursos digitais no ensino de Psicologia. Os resultados indicam que a inovação educacional ultrapassa a simples incorporação de tecnologias, exigindo a transformação do processo de ensino-aprendizagem em uma prática interativa, reflexiva e centrada no estudante. Evidencia-se que metodologias ativas, como aprendizagem baseada em problemas, estudos de caso e simulações virtuais, favorecem o protagonismo discente e a construção colaborativa do conhecimento, em consonância com a perspectiva sociointeracionista. Além disso, a utilização planejada e significativa das tecnologias digitais contribui para a criação de ambientes de aprendizagem mais inclusivos, acessíveis e personalizados, ampliando as possibilidades de participação e de democratização do conhecimento. Conclui-se que a articulação entre inovação pedagógica e tecnologias digitais fortalece a formação de profissionais críticos, autônomos e preparados para os desafios contemporâneos no campo da Psicologia.
PALAVRAS-CHAVE: Tecnologia Digital; Psicologia; Metodologia De/Do Ensino.

ABSTRACT
The teaching of Psychology, in light of the technological and social transformations of the 21st century, requires the reconfiguration of pedagogical practices to respond to new educational demands. This study, grounded in the ideas of Paulo Freire and the reflections of Imbernón (2016), aims to analyze the role of pedagogical innovation and digital technologies in Higher Education. This is a qualitative, exploratory study developed through a bibliographic review of books and articles addressing education, pedagogical innovation, and the use of digital resources in the teaching of Psychology.The results indicate that educational innovation goes beyond the mere incorporation of technologies, requiring the transformation of the teaching–learning process into an interactive, reflective, and student-centered practice. Active methodologies, such as problem-based learning, case studies, and virtual simulations, are shown to promote student protagonism and the collaborative construction of knowledge, in line with the socio-interactionist perspective. Furthermore, the planned and meaningful use of digital technologies contributes to the creation of more inclusive, accessible, and personalized learning environments, expanding opportunities for participation and the democratization of knowledge. It is concluded that the

[1] Centro Universitário da Região da Campanha – URCAMP, São Gabriel, RS, Brasil; michelemarquetto@urcamp.edu.br
[2] Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI, Frederico Westphalen, RS, Brasil; beticerutti@uri.edu.br

articulation between pedagogical innovation and digital technologies strengthens the education of critical and autonomous professionals who are better prepared to face contemporary challenges in the field of Psychology.
KEYWORDS: Digital Technology; Psychology; Teaching Methodology

RESUMEN
La enseñanza de la Psicología, frente a las transformaciones tecnológicas y sociales del siglo XXI, demanda la reconfiguración de las prácticas pedagógicas para responder a las nuevas exigencias educativas. Este estudio, fundamentado en las concepciones de Paulo Freire y en las reflexiones de Imbernón (2016), tiene como objetivo analizar el papel de la innovación pedagógica y de las tecnologías digitales en la Educación Superior. Se trata de una investigación cualitativa, de carácter exploratorio, desarrollada mediante una revisión bibliográfica de libros y artículos que abordan la educación, la innovación pedagógica y el uso de recursos digitales en la enseñanza de la Psicología. Los resultados indican que la innovación educativa va más allá de la simple incorporación de tecnologías, exigiendo la transformación del proceso de enseñanza-aprendizaje en una práctica interactiva, reflexiva y centrada en el estudiante. Se evidencia que metodologías activas, como el aprendizaje basado en problemas, los estudios de caso y las simulaciones virtuales, favorecen el protagonismo estudiantil y la construcción colaborativa del conocimiento, en consonancia con la perspectiva sociointeraccionista. Además, el uso planificado y significativo de las tecnologías digitales contribuye a la creación de entornos de aprendizaje más inclusivos, accesibles y personalizados, ampliando las posibilidades de participación y la democratización del conocimiento. Se concluye que la articulación entre la innovación pedagógica y las tecnologías digitales fortalece la formación de profesionales críticos, autónomos y preparados para los desafíos contemporáneos en el campo de la Psicología.
PALABRAS CLAVE: Tecnología digital; Psicología; Metodología de la enseñanza.

INTRODUÇÃO

A educação na contemporaneidade é atravessada pelo desafio de responder às profundas mudanças tecnológicas, culturais e sociais que caracterizam o século XXI. Nesse contexto, a inovação educacional emerge como eixo estruturante na redefinição dos processos de ensinar e aprender. Conforme assinala Imbernón (2016), inovar não se restringe à incorporação de dispositivos digitais, mas implica a reconfiguração das práticas pedagógicas, dos currículos e das formas de interação que sustentam o ato educativo, com vistas à construção de experiências formativas mais significativas e socialmente situadas.

No âmbito da Psicologia, tal movimento adquire centralidade, uma vez que a formação de profissionais críticos, éticos e reflexivos demanda abordagens que privilegiem a autonomia intelectual e a problematização do conhecimento. Nessa direção, Freire (1996) propõe uma educação de caráter dialógico, na qual o estudante deixa de ocupar uma posição passiva e passa a assumir um papel ativo na produção de sentidos. Para o autor, ensinar não se resume à transmissão de conteúdos, mas à criação de condições que favoreçam a construção compartilhada do saber.

A articulação entre inovação pedagógica e tecnologias digitais tem sido apontada como um caminho fecundo para a renovação das práticas educativas no ensino superior. Moran (2015)

ISSN 3086-2531

destaca que a apropriação pedagógica desses recursos amplia as possibilidades de interação, comunicação e acesso à informação, contribuindo para a construção de percursos de aprendizagem mais flexíveis e personalizados. Nesse cenário, as metodologias ativas assumem protagonismo ao favorecerem o engajamento discente e ao estimularem processos de aprendizagem com maior densidade significativa.

Segundo Bacich e Moran (2018), tais abordagens deslocam o foco do ensino para a aprendizagem, incentivando o estudante a investigar, analisar e colaborar na construção do conhecimento. Estratégias como aprendizagem baseada em projetos, sala de aula invertida, estudos de caso e gamificação conferem maior dinamismo ao processo educativo, promovendo a integração entre teoria e prática — aspecto particularmente relevante na formação em Psicologia.

No campo das tecnologias educacionais, Kenski (2012) argumenta que os recursos digitais não apenas alteram os meios utilizados no ensino, mas também reconfiguram as formas de produção, circulação e apropriação do conhecimento. Ambientes virtuais, nesse sentido, ampliam as possibilidades de aprendizagem ao favorecer conexões em rede, diversificar fontes informacionais e viabilizar novas modalidades de mediação pedagógica. Em consonância com essa perspectiva, Valente (2014) ressalta que a efetividade dessas tecnologias depende de sua articulação com intencionalidades pedagógicas claras, evitando sua redução a um uso meramente instrumental e desarticulado de um projeto educativo consistente.

Entretanto, a integração dessas ferramentas no ensino superior exige planejamento, formação docente e uma postura crítica em relação às suas potencialidades e limites. Nesse processo, o professor assume uma função mediadora, orientando trajetórias de aprendizagem, promovendo interações qualificadas e estimulando o desenvolvimento de competências como pensamento crítico, criatividade e resolução de problemas.

Diante desse panorama, o presente estudo tem como foco o ensino de Psicologia no contexto do ensino superior, com ênfase na articulação entre inovação pedagógica, metodologias ativas e tecnologias digitais. Busca-se analisar de que modo essa convergência pode potencializar os processos formativos, tornando-os mais participativos, críticos e alinhados às exigências contemporâneas da profissão e da sociedade. Além disso, propõe-se refletir sobre os desafios e as possibilidades dessa integração, destacando a relevância da formação continuada de docentes, da atualização curricular e da adoção de práticas que não

apenas qualifiquem o ensino, mas também contribuam para a humanização das experiências educativas. Assim, pretende-se colaborar para o fortalecimento de uma formação em Psicologia mais inclusiva, ética e socialmente comprometida.

METODOLOGIA

A presente investigação configura-se como um estudo qualitativo, de caráter exploratório, desenvolvido a partir de uma revisão bibliográfica sistematizada. Teve como propósito analisar a inovação pedagógica no ensino de Psicologia, com ênfase na articulação entre metodologias ativas e tecnologias digitais, considerando tanto suas potencialidades quanto os desafios implicados em sua implementação no contexto do ensino superior.

Para atender a esse objetivo, o percurso metodológico foi estruturado em três momentos principais: (i) levantamento e seleção do referencial teórico; (ii) organização e exame analítico do material coletado; e (iii) definição de eixos temáticos orientadores da discussão.

Na etapa inicial, realizou-se a busca por produções acadêmicas relevantes nos campos da educação e da Psicologia, contemplando tanto obras clássicas quanto estudos contemporâneos. Foram mobilizados autores como Carbonell (2002), Imbernón (2016) e Freire (2013), cujas contribuições fundamentam a reflexão sobre formação docente e transformação das práticas educativas. Paralelamente, incorporaram-se perspectivas mais recentes acerca das relações entre tecnologias digitais e ensino superior, com destaque para Christensen e Eyring (2013), Bacich, Tanzi e Trevisani (2015), além de investigações aplicadas, como a de Blasius (2021). O levantamento foi realizado em bases de dados científicas, incluindo SciELO, Google Scholar e o Portal de Periódicos CAPES, bem como em livros especializados e documentos institucionais, abrangendo produções nacionais e internacionais. A seleção das fontes considerou critérios como relevância temática, atualidade, rigor metodológico e contribuição para o objeto investigado.

Na segunda etapa, procedeu-se a uma leitura inicial de caráter exploratório, seguida de uma análise aprofundada dos textos selecionados. Esse processo permitiu identificar conceitos-chave, matrizes teóricas e contribuições significativas para a compreensão do fenômeno estudado. A interpretação dos dados foi conduzida sob uma perspectiva comparativa, favorecendo o diálogo entre diferentes abordagens. Como estratégia de sistematização, foram elaboradas tabelas-síntese, destinadas a organizar os principais argumentos dos autores e a

ISSN 3086-2531

explicitar possíveis desdobramentos no ensino de Psicologia, fortalecendo a articulação entre referenciais teóricos e práticas pedagógicas.

A partir desse movimento analítico, delimitaram-se três eixos temáticos que estruturam o desenvolvimento do artigo. O primeiro, Desvendando a Inovação Pedagógica, dedica-se à discussão dos fundamentos conceituais da inovação no ensino superior. Nesse âmbito, Christensen e Eyring (2013) defendem a necessidade de modelos educacionais mais flexíveis, personalizados e acessíveis, enquanto Moran (2015) enfatiza o potencial das metodologias ativas para ampliar a autonomia discente e fomentar práticas colaborativas mediadas por tecnologias digitais.

O segundo eixo, Ensino de Psicologia na Era Digital, examina os efeitos das tecnologias digitais nos processos formativos, ressaltando a importância de sua integração a partir de referenciais pedagógicos consistentes. Sob essa perspectiva, a abordagem sociointeracionista evidencia o papel da mediação na aprendizagem, ao passo que Freire (1987), em *Pedagogia do Oprimido*, aponta para uma educação crítica e emancipadora, com potencial para tensionar a passividade discente e promover a formação de sujeitos conscientes e participativos.

O terceiro eixo, Metodologias Ativas no Ensino de Psicologia, fundamenta-se na teoria sociocultural de Vygotsky (1998), que destaca a centralidade da interação social e do contexto histórico-cultural na construção do conhecimento. A partir desse referencial, as metodologias ativas favorecem o desenvolvimento de funções psicológicas superiores, como pensamento crítico, linguagem e resolução de problemas — competências essenciais à formação profissional em Psicologia.

Com base nesses pressupostos, a análise bibliográfica foi organizada em torno de três dimensões centrais: (i) os fundamentos da inovação pedagógica; (ii) as implicações da cultura digital no ensino de Psicologia; e (iii) as contribuições das metodologias ativas para os processos formativos. A articulação entre esses eixos possibilita compreender de que modo a inovação educacional pode contribuir para enfrentar os desafios contemporâneos do ensino superior, promovendo uma formação mais crítica, participativa e socialmente comprometida. Cada eixo é desenvolvido em seções específicas, nas quais são discutidos referenciais teóricos, possibilidades de aplicação e limites identificados na literatura.

SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE

Após a seleção do corpus bibliográfico, realizou-se inicialmente uma leitura de caráter

ISSN 3086-2531

exploratório, posteriormente aprofundada por meio de uma análise analítica dos materiais. Esse itinerário possibilitou a identificação de noções recorrentes e a organização dos conteúdos em eixos temáticos que orientaram o desenvolvimento da investigação. A interpretação foi conduzida sob uma perspectiva comparativa, promovendo o diálogo entre distintos referenciais teóricos e evidências presentes na literatura. A partir das palavras-chave e dos conceitos estruturantes extraídos das obras examinadas, foram delimitadas categorias analíticas que sustentaram a interpretação dos dados.

Adicionalmente, considera-se a incorporação dessas dimensões no próprio uso da linguagem, compreendida como componente constitutivo dos processos de inovação. Tal perspectiva permite articular a intencionalidade inovadora à construção discursiva e à materialidade textual, ampliando a produção de sentidos no âmbito educativo. Nessa direção, estabelece-se interlocução com Imbernón, ao abordar as mudanças estruturais na educação, e com Carbonell, ao enfatizar a inovação pedagógica como elemento propulsor de transformação das práticas de ensino.

Do mesmo modo, torna-se imprescindível reconhecer a diversidade de sujeitos que compõem o contexto educacional, incluindo estudantes e docentes de diferentes identidades de gênero. Assim, a linguagem e a escrita assumem uma dimensão formativa, configurando-se como espaços de produção de conhecimento, aprendizagem e expressão de posicionamentos ético-políticos.

Como estratégia de organização e sistematização das informações, foram elaboradas tabelas-síntese com a finalidade de reunir as principais contribuições dos autores analisados e indicar possíveis desdobramentos práticos no ensino de Psicologia. Exemplos dessas sistematizações são apresentados nas seções “Da teoria à prática” e “Inovação na avaliação”. Esse procedimento metodológico contribuiu para explicitar as articulações entre os referenciais teóricos e suas aplicações pedagógicas, favorecendo uma análise mais integrada, consistente e interpretativamente robusta.

DESVENDANDO A INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

As profundas transformações sociais, culturais e tecnológicas que caracterizam a contemporaneidade impõem às instituições de ensino a necessidade de revisar continuamente seus referenciais formativos, visando preparar os estudantes para atuar em contextos marcados

ISSN 3086-2531

pela complexidade e pela constante mutação. Nesse cenário, Imbernón (2016) destaca que a inovação educacional ultrapassa a mera inserção de tecnologias digitais, envolvendo processos intencionais e sistemáticos de reconfiguração das práticas pedagógicas. Tais processos buscam atribuir maior significado à formação, ao mesmo tempo em que possibilitam às instituições responder de maneira mais consistente às demandas emergentes da sociedade e do mundo do trabalho.

Diante desse quadro, torna-se fundamental aprofundar a compreensão acerca dos elementos que constituem a inovação pedagógica. Para Carbonell (2002), inovar no campo educacional não se resume à atualização de métodos tradicionais, mas implica transformações deliberadas que tensionam modelos centrados exclusivamente na transmissão de conteúdos. Nessa perspectiva, a inovação relaciona-se à construção de práticas que promovam o protagonismo dos estudantes, a flexibilização dos percursos formativos e a produção coletiva do conhecimento. Tal abordagem requer o desenvolvimento de estratégias que considerem a heterogeneidade dos ritmos de aprendizagem, estimulem a reflexão crítica e favoreçam experiências educativas dotadas de maior relevância e sentido.

No âmbito do ensino superior, essa exigência torna-se ainda mais evidente diante das demandas contemporâneas por uma formação profissional qualificada e socialmente comprometida. Bacich, Tanzi e Trevisani (2015), apoiando-se nas contribuições de Christensen e Eyring (2013) sobre a universidade inovadora, ressaltam a necessidade de adoção de modelos pedagógicos mais flexíveis, acessíveis e centrados no estudante. No campo da Psicologia, a articulação entre metodologias ativas e tecnologias digitais configura-se como uma via promissora para qualificar a experiência formativa, tornando-a mais dinâmica, contextualizada e alinhada às exigências do exercício profissional.

Entre as estratégias recorrentes na literatura, destacam-se a aprendizagem baseada em problemas, o desenvolvimento de projetos interdisciplinares e a utilização de estudos de caso, práticas que favorecem a análise crítica e a aplicação do conhecimento em situações concretas. De forma complementar, a incorporação de ambientes virtuais de aprendizagem, espaços colaborativos, simulações e recursos imersivos amplia as possibilidades de interação, experimentação e construção compartilhada do saber.

ISSN 3086-2531

Entretanto, a inovação pedagógica não pode ser reduzida a uma dimensão técnica ou instrumental. Trata-se de um fenômeno multifacetado, que envolve dimensões culturais, institucionais e humanas, demandando a ressignificação das práticas educativas e das relações estabelecidas entre docentes, estudantes e conhecimento. Essa perspectiva implica reconhecer as instituições de ensino superior como espaços estratégicos de produção de saberes, formação crítica e intervenção social.

Adicionalmente, a consolidação de práticas inovadoras está diretamente vinculada à existência de políticas institucionais consistentes e ao investimento contínuo na formação docente. Na ausência de uma gestão comprometida, de condições estruturais adequadas e de programas de desenvolvimento profissional, há o risco de que tais iniciativas se restrinjam a ações pontuais e de alcance limitado. Assim, o desafio não reside apenas na adoção de novos recursos ou abordagens, mas na construção de uma cultura acadêmica que valorize a experimentação, a interdisciplinaridade e a formação de sujeitos críticos, éticos e socialmente engajados.

Nesse contexto, a Tabela 1 apresenta uma sistematização das contribuições teóricas analisadas, bem como suas possíveis aplicações no ensino superior em Psicologia. Para cada obra selecionada, evidenciam-se as ideias centrais dos autores e, na coluna final, indicam-se proposições educativas passíveis de desenvolvimento independentemente do uso de tecnologias digitais.

Por fim, destaca-se que a inovação pedagógica não se restringe à utilização de dispositivos ou ferramentas específicas, uma vez que a própria noção de tecnologia extrapola sua dimensão material. Trata-se, sobretudo, de um conjunto articulado de práticas, mediações e concepções que estruturam o fazer educativo. Nessa direção, a inovação associa-se à construção de ambientes de aprendizagem centrados no estudante e aos referenciais pedagógicos que orientam as práticas institucionais no contexto do ensino superior.

Tabela 1: Da Teoria à Prática – Aplicação da Inovação Pedagógica no Ensino Superior

Referência	Ideia Central	Como Aplicar em Aula (Ensino Superior – Psicologia)
Christensen (2013) – *Universidade Inovadora*	Defende a personalização, acessibilidade e flexibilidade nas instituições de ensino. Parte	- **Aulas híbridas e flexíveis** com conteúdos síncronos e assíncronos (plataformas como

ISSN 3086-2531

	do princípio de estratégias inovadoras, o que vai além das metodologias inovadoras.	Moodle ou Google Classroom); - **Avaliações adaptativas** (Kahoot, Socrative); - **Planos de aprendizagem personalizados** com metas por competências.
Metodologias Ativas + Tecnologias Digitais	Favorecem um ensino mais dinâmico, contextualizado e alinhado com o mercado de trabalho.	- **Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL)** com estudos clínicos reais; - **Projetos interdisciplinares** envolvendo áreas como neuropsicologia, educação e saúde pública; - **Simulações com realidade virtual** (ex: atendimentos psicológicos simulados); - **Debates mediados por fóruns online** com feedback colaborativo.
Slaughter & Leslie (1997) / Clark (1998)	A inovação institucional depende de ambientes que incentivem experimentação e adaptação, inclusive, com o olhar para além do aspecto didático, uma vez que a inovação poderá gerar sustentabilidade financeira para as Instituições.	- **Espaços maker e laboratórios experimentais** para desenvolver projetos com liberdade criativa; - **Encontros docentes interdisciplinares** para co-construção de currículos; - **Feedback institucional contínuo** com participação discente na avaliação dos cursos.
Clark (1998) – 5 Dimensões da Universidade Inovadora	Propõe cinco pilares: currículo flexível, unidades transversais, fontes diversas de financiamento, espírito inovador e cultura aberta.	- **Currículo modular** com disciplinas optativas alinhadas a interesses dos estudantes; - **Criação de núcleos integrados** (ex: Núcleo de Inovação Psicopedagógica); - **Parcerias com ONGs e clínicas** para estágio e pesquisa com financiamento colaborativo; - **Eventos de inovação** com participação ativa dos alunos (hackathons, bootcamps educacionais).
Etzkowitz (2004) – Tríplice Hélice	A inovação é impulsionada pela cooperação entre universidade, setor produtivo e governo.	- **Convênios com empresas de saúde mental e startups de tecnologia educacional**; - **Projetos de extensão comunitária** com apoio governamental; - **Feiras de inovação com foco em impacto social** e desenvolvimento psicológico regional.

Fonte: Elaborado pelas Autoras (2025)

ISSN 3086-2531

A cultura institucional assume papel estratégico na promoção e sustentação da inovação educacional. Conforme argumentam Slaughter e Leslie (1997) e Clark (1998), universidades inovadoras distinguem-se pela constituição de arranjos organizacionais que estimulam a experimentação, a flexibilidade e a capacidade de resposta às transformações sociais e educacionais. Clark (1998) identifica cinco eixos estruturantes para esse tipo de instituição: a flexibilização curricular, a criação de estruturas organizacionais transversais, a diversificação das fontes de financiamento, o incentivo ao empreendedorismo acadêmico e a implementação de mecanismos voltados à transferência de tecnologia. Tais elementos contribuem para a consolidação de uma cultura institucional orientada à mudança e comprometida com a produção e circulação do conhecimento.

Entretanto, essa perspectiva pode ser problematizada à luz de abordagens críticas que questionam a crescente aproximação entre universidade, mercado e Estado. O modelo da tríplice hélice, proposto por Etzkowitz (2004), ao enfatizar a articulação entre essas esferas como motor da inovação, tende a reforçar uma lógica de instrumentalização do conhecimento, na qual a produção científica passa a ser orientada, prioritariamente, por demandas econômicas e produtivas. Tal orientação pode implicar a redução da autonomia universitária e a subordinação das agendas de pesquisa e formação a interesses externos, em detrimento de perspectivas críticas, humanísticas e socialmente comprometidas.

Nesse sentido, embora a interação entre universidade, governo e setor produtivo possa gerar avanços relevantes, é necessário problematizar seus limites e contradições. A centralidade atribuída à inovação, quando vinculada predominantemente à lógica de mercado, pode obscurecer outras funções fundamentais da educação superior, como a formação cidadã, a produção de conhecimento crítico e a promoção da justiça social. Assim, a universidade corre o risco de deslocar-se de seu papel público para uma atuação mais alinhada a interesses utilitaristas.

Nesse contexto, os processos formativos extrapolam os limites tradicionais da sala de aula, configurando-se como experiências contínuas, flexíveis e multimodais. A incorporação de novas abordagens pedagógicas, aliada ao uso de recursos digitais, amplia o alcance das práticas educativas e favorece o desenvolvimento de competências técnicas e socioemocionais, tais como pensamento crítico, comunicação, empatia e resolução de

ISSN 3086-2531

problemas complexos — capacidades essenciais para a atuação em cenários profissionais marcados pela dinamicidade e pela incerteza.

Paralelamente, a função docente passa por um processo de redefinição. O professor deixa de ser concebido prioritariamente como transmissor de conteúdos e assume o papel de mediador e orientador das aprendizagens, promovendo a autonomia discente e a construção colaborativa do conhecimento. Para que essa transição se efetive, torna-se fundamental investir em políticas de formação continuada, bem como assegurar condições pedagógicas que favoreçam uma integração crítica — e não meramente instrumental — das tecnologias digitais e das metodologias ativas no cotidiano acadêmico.

Ademais, a inovação institucional requer a criação de espaços permanentes de interlocução entre estudantes, docentes e gestores, de modo que as transformações educacionais sejam construídas de forma participativa e contextualizada. Instâncias como conselhos acadêmicos, fóruns institucionais e processos avaliativos podem contribuir para o fortalecimento de práticas mais democráticas, ao incorporar múltiplas vozes na construção e no aprimoramento dos processos formativos.

Por fim, é fundamental reconhecer que a sustentabilidade das iniciativas inovadoras está condicionada à existência de políticas institucionais consistentes e ao suporte estrutural contínuo. Investimentos em infraestrutura, ampliação do acesso às tecnologias e valorização da carreira docente constituem condições indispensáveis para a consolidação dessas práticas. Nesse horizonte, a construção de uma cultura institucional voltada à inovação exige não apenas alinhamento entre diretrizes, práticas e recursos, mas também uma postura crítica frente às racionalidades que orientam a própria noção de inovação, de modo a preservar o compromisso da universidade com a formação humana, a produção de conhecimento socialmente relevante e a transformação da realidade.

Tabela 2: Inovação na Avaliação – O que fazer e como aplicar em sala

O QUE FAZER	**COMO FAZER (Aplicação Prática em Aula)**
Dinamizar avaliações tradicionais centradas apenas na memorização	- Reduzir o uso exclusivo de provas escritas; - Substituir questões fechadas por **questões dissertativas e contextualizadas**; - Integrar conteúdo interdisciplinar nas avaliações.

ISSN 3086-2531

Adotar avaliações formativas e contínuas	- Realizar **devolutivas periódicas**, **semanais ou quinzenais**, em formato escrito ou oral; - Empregar **categorias de avaliação por competências,** com critérios explícitos, para orientar o processo de aprendizagem.
Incluir portfólios digitais como instrumento avaliativo	- Criar **portfólios em plataformas como Padlet, Google Sites ou Canva Docs** com registros de aprendizagem, reflexões e produções dos estudantes; - Solicitar **evidências de evolução** ao longo do semestre (vídeos, textos, imagens, áudios).
Utilizar projetos colaborativos como forma de avaliação	- Propor **desafios práticos em grupo**, como análise de casos ou campanhas de saúde mental; - Avaliar com base em critérios como cooperação, criatividade, aplicabilidade e pesquisa.
Incluir práticas de autoavaliação e avaliação entre pares	- Aplicar **questionários reflexivos** no final de cada unidade (ex: "O que aprendi?", "Como me envolvi?"); - Realizar **rodas de conversa reflexivas** com mediação docente; - Incluir **avaliações anônimas entre colegas**, com base em critérios definidos em conjunto.
Promover uma visão abrangente e equitativa da aprendizagem	- Avaliar não só o resultado final, mas também o **processo de aprendizagem, o esforço e o desenvolvimento pessoal**; - Permitir **diversidade de formas de entrega** (podcast, vídeo, apresentação oral, texto etc.).

Fonte: Elaborado pelas Autoras (2025)

Embora apresente potencialidades significativas, a inovação pedagógica encontra múltiplos entraves à sua efetivação no contexto educacional. Entre os principais desafios, destacam-se a resistência institucional a processos de mudança, fragilidades na formação docente voltada ao uso pedagógico das tecnologias e as desigualdades no acesso a recursos digitais. Tais condicionantes demandam enfrentamentos sistemáticos, por meio de ações estruturadas que assegurem que as transformações ocorram de maneira consistente, sustentável e socialmente inclusiva.

Nesse horizonte, torna-se imprescindível que políticas públicas e diretrizes institucionais acompanhem e sustentem os processos inovadores, garantindo condições adequadas de infraestrutura tecnológica, conectividade e acesso a recursos educacionais digitais. Na ausência desse suporte, corre-se o risco de que iniciativas inovadoras permaneçam circunscritas a experiências isoladas, frequentemente dependentes do engajamento individual de docentes, sem se consolidarem como práticas integradas ao funcionamento institucional. Assim, a promoção da inovação requer um compromisso coletivo, envolvendo gestores, professores e demais atores da comunidade acadêmica.

ISSN 3086-2531

Nesse sentido, inovar no ensino superior extrapola a adoção pontual de estratégias no âmbito das disciplinas. Trata-se de um processo que pressupõe a definição de políticas institucionais claras, a construção de referenciais pedagógicos consistentes e a implementação de estratégias estruturantes capazes de oferecer suporte e segurança aos docentes na experimentação de novas práticas educativas. Simultaneamente, é necessário reconhecer que o campo educacional contemporâneo é atravessado por dinâmicas de mercado que, em muitos casos, privilegiam a competitividade entre instituições, tensionando princípios como equidade e democratização do acesso ao ensino.

Outro aspecto relevante diz respeito à dimensão cultural das instituições, frequentemente marcada pela reprodução de modelos tradicionais centrados na transmissão de conteúdos. A superação dessa lógica implica um processo gradual de transformação, sustentado pelo engajamento coletivo e pela construção compartilhada de novas práticas pedagógicas. A criação de espaços de interlocução, a implementação de programas de formação continuada e o incentivo à experimentação didática configuram-se como estratégias importantes para ampliar a participação de docentes e estudantes em propostas inovadoras, reduzindo resistências e fortalecendo uma cultura institucional mais aberta à mudança.

Por fim, a inovação no ensino de Psicologia — assim como na educação em sentido mais amplo — deve ser compreendida não como uma tendência conjuntural, mas como uma exigência estratégica diante das demandas contemporâneas da formação profissional. A incorporação de metodologias ativas e a utilização crítica das tecnologias digitais apresentam-se como possibilidades relevantes para qualificar a experiência formativa e promover aprendizagens mais significativas. Conforme assinala Imbernón (2016), inovar na educação implica revisitar o próprio sentido do ensinar e do aprender, favorecendo a construção de processos formativos mais críticos, inclusivos e sensíveis à complexidade do mundo contemporâneo.

ENSINO DE PSICOLOGIA NA ERA DIGITAL

A consolidação da educação em contextos digitalmente mediados configura uma inflexão paradigmática nos modos de ensinar e aprender, produzindo impactos significativos no ensino superior e, de maneira particular, na formação em Psicologia. A expansão das tecnologias digitais, articulada à difusão de abordagens pedagógicas inovadoras, tem

ISSN 3086-2531

tensionado modelos tradicionais, demandando a construção de práticas formativas capazes de responder às necessidades dos sujeitos e às exigências de uma sociedade marcada pela complexidade e pela mudança contínua. Nesse cenário, Imbernón (2016) assinala que a inovação educacional extrapola a simples adoção de recursos tecnológicos, implicando uma reconfiguração abrangente das práticas pedagógicas, orientada à construção de experiências de aprendizagem mais significativas, interativas e centradas no estudante. No campo da Psicologia, esse movimento abre possibilidades para trajetórias formativas mais dinâmicas, flexíveis e alinhadas às demandas contemporâneas do exercício profissional.

A incorporação de tecnologias digitais amplia os horizontes da aprendizagem ao relativizar limites espaciais e temporais, além de favorecer novas formas de interação e produção do conhecimento. Todavia, sua integração requer ancoragem em fundamentos pedagógicos consistentes. A perspectiva sociointeracionista de Vygotsky (2001) evidencia o papel da mediação e da interação social no desenvolvimento cognitivo, compreendendo o conhecimento como resultado de processos colaborativos e historicamente situados. Tais pressupostos encontram ressonância em práticas educacionais mediadas por tecnologias, sobretudo em ambientes virtuais que potencializam o diálogo, a cooperação e a construção compartilhada de saberes.

De modo convergente, Freire (2013) propõe uma concepção de educação crítica e emancipatória, na qual o estudante assume protagonismo na produção do conhecimento. Essa abordagem fundamenta práticas pedagógicas que valorizam a participação, o diálogo e a problematização como elementos estruturantes do processo educativo. Nessa direção, Bacich, Tanzi e Trevisani (2015) destacam as metodologias ativas como estratégias capazes de promover aprendizagens mais significativas, por meio de dispositivos como projetos, estudos de caso, resolução de problemas e fóruns de discussão, nos quais as tecnologias digitais atuam como mediadoras da construção coletiva do conhecimento.

Para além da ampliação das formas de participação, o uso de recursos digitais também contribui para expandir o acesso à educação superior, especialmente por meio de modalidades híbridas e remotas. Ambientes virtuais de aprendizagem, softwares especializados, sistemas baseados em inteligência artificial e ferramentas de acessibilidade digital possibilitam maior flexibilidade nos percursos formativos, favorecendo a personalização da aprendizagem e ampliando oportunidades de inclusão. Entretanto, tais transformações implicam a redefinição

ISSN 3086-2531

do papel docente, que passa a demandar competências pedagógicas, tecnológicas e socioemocionais. O professor deixa de ocupar uma posição centrada na transmissão de conteúdos para assumir a função de mediador, orientador e curador de processos formativos. Conforme Imbernón (2016), a efetivação dessas mudanças depende de investimentos contínuos em formação docente e de transformações institucionais que sustentem práticas pedagógicas inovadoras.

Nesse contexto, os processos avaliativos também requerem ressignificação. Modelos tradicionais, centrados na memorização e na reprodução de conteúdos, mostram-se insuficientes diante de dinâmicas de aprendizagem que privilegiam a participação ativa, a colaboração em rede, a mediação tecnológica e a centralidade do estudante. Em contrapartida, estratégias como portfólios digitais, projetos colaborativos, autoavaliação e avaliação formativa permitem valorizar trajetórias de aprendizagem, reconhecendo o desenvolvimento de competências cognitivas, relacionais e profissionais relevantes para a atuação em Psicologia.

Outro aspecto a ser considerado refere-se às possibilidades de experimentação pedagógica proporcionadas pelas tecnologias digitais. Recursos como realidade aumentada, gamificação, ambientes imersivos e simulações digitais viabilizam experiências educacionais mais interativas e próximas das situações profissionais. No ensino de Psicologia, tais dispositivos podem favorecer a simulação de atendimentos clínicos, a análise de casos complexos e o desenvolvimento de habilidades como escuta qualificada, empatia e tomada de decisão, fortalecendo a articulação entre teoria e prática.

Paralelamente, a intensificação do uso de tecnologias digitais no campo educacional impõe a necessidade de problematizar questões éticas e de cidadania digital. A utilização de plataformas, bases de dados e ambientes virtuais envolve desafios relacionados à privacidade, à segurança da informação e ao uso responsável das tecnologias. Incorporar tais discussões ao processo formativo mostra-se fundamental para a formação de profissionais capazes de atuar de maneira ética, crítica e socialmente responsável em contextos cada vez mais mediados por tecnologias.

Dessa forma, a inovação no ensino de Psicologia não pode ser reduzida a um processo de modernização tecnológica, mas deve ser compreendida como uma reconfiguração estrutural dos modos de ensinar e aprender. A formação acadêmica demanda a integração de competências técnicas, clínicas e relacionais — como empatia, pensamento crítico,

ISSN 3086-2531

comunicação e resolução de problemas — fundamentais para o exercício ético e humanizado da profissão. Práticas interativas, simulações e atividades mediadas por tecnologias digitais contribuem para a construção de percursos formativos mais contextualizados, reflexivos e socialmente situados.

À luz das contribuições de Imbernón (2016) e Freire (2013), compreende-se que o ensino de Psicologia na era digital exige a articulação entre inovação tecnológica e intencionalidade pedagógica. A aproximação entre metodologias ativas e recursos digitais pode configurar-se como uma estratégia relevante para potencializar processos formativos críticos e reflexivos. Contudo, em diálogo com abordagens críticas da tecnologia, como as de Feenberg e Selwyn, torna-se necessário tensionar perspectivas que atribuem às tecnologias um papel determinante ou automaticamente transformador nos processos educativos.

Nessa direção, tais recursos não garantem, por si mesmos, a constituição de práticas inclusivas, participativas ou emancipadoras, uma vez que seus efeitos dependem das mediações pedagógicas, dos contextos institucionais e das relações sociais que os atravessam. Assim, mais do que instrumentos neutros ou agentes autônomos de mudança, as tecnologias devem ser compreendidas como construções socioculturais, permeadas por valores, intencionalidades e disputas, cujo potencial formativo se concretiza apenas no interior de projetos pedagógicos críticos, situados e eticamente orientados.

METODOLOGIAS ATIVAS PARA O ENSINO DE PSICOLOGIA

No cenário contemporâneo do ensino superior, as abordagens pedagógicas assumem centralidade na reconfiguração dos processos formativos. A inovação educacional, nesse contexto, não se reduz à incorporação de tecnologias digitais, mas implica deslocamentos estruturais nos modos de produção, circulação e ressignificação do conhecimento no espaço acadêmico. Nessa direção, as metodologias ativas emergem como estratégias capazes de fomentar dinâmicas de aprendizagem mais interativas, participativas e orientadas ao protagonismo discente, aspecto particularmente relevante diante das transformações sociais e tecnológicas que marcam o século XXI.

Ao tensionar o modelo tradicional fundamentado na transmissão unidirecional de conteúdos, essas abordagens valorizam práticas que reconhecem o estudante como sujeito ativo do processo formativo. Conforme destacam Bacich, Tanzi e Trevisani (2015), tais metodologias

estimulam a aprendizagem por meio da experiência, da problematização e da colaboração, favorecendo a construção de conhecimentos situados, significativos e contextualizados.

A teoria sociocultural de Vygotsky (2001) oferece suporte consistente para a compreensão dessas práticas, ao enfatizar que o desenvolvimento cognitivo se dá por meio da interação social e da mediação simbólica. Nessa perspectiva, estratégias como a Aprendizagem Baseada em Problemas (Problem-Based Learning – PBL) e o Team-Based Learning (TBL) contribuem para o desenvolvimento de competências fundamentais à atuação profissional, tais como pensamento crítico, empatia, tomada de decisão e trabalho colaborativo. Em consonância, Freire (2013) propõe uma educação dialógica e emancipatória, na qual o estudante participa ativamente da construção do saber e desenvolve consciência crítica acerca de sua inserção social.

A articulação com tecnologias digitais amplia significativamente as possibilidades dessas abordagens, ao potencializar formas de interação, colaboração e contextualização da aprendizagem. Ambientes virtuais, plataformas colaborativas e ferramentas interativas favorecem a construção coletiva do conhecimento e intensificam o engajamento dos estudantes nas atividades acadêmicas. No campo da Psicologia, tais recursos contribuem para aproximar o processo formativo de situações práticas, estimulando a análise crítica de fenômenos psicológicos em contextos concretos.

A adoção de metodologias ativas também favorece o desenvolvimento de competências essenciais à prática profissional em Psicologia, como escuta qualificada, empatia, comunicação assertiva e capacidade de análise e intervenção em diferentes cenários. Para que essas práticas se efetivem, a formação docente configura-se como elemento estruturante. Conforme assinala Imbernón (2016), a inovação educacional pressupõe transformações culturais nas instituições e requer que o professor atue como mediador dos processos de aprendizagem, promovendo a participação ativa dos estudantes. Nesse sentido, programas de formação continuada e o acesso a recursos pedagógicos atualizados tornam-se condições indispensáveis para a integração crítica e reflexiva de novas abordagens e tecnologias.

Estudos como os de Morosini e Fernandes (2014) corroboram a relevância dessas estratégias ao evidenciar que as metodologias ativas contribuem para tornar o ensino mais engajador, contextualizado e alinhado às necessidades formativas dos estudantes de Psicologia. Ademais, o uso de dispositivos digitais, como laboratórios virtuais e plataformas adaptativas,

possibilita percursos formativos mais flexíveis, personalizados e inclusivos.

Outro elemento fundamental refere-se à interdisciplinaridade. Ao estabelecer interlocuções com campos como as Ciências Humanas, as Ciências da Saúde e as Ciências Sociais Aplicadas, o ensino de Psicologia amplia sua capacidade de apreender fenômenos complexos, que articulam dimensões subjetivas, sociais, culturais e biológicas, além de favorecer a construção de intervenções mais integradas. Nesse contexto, projetos interdisciplinares e práticas pedagógicas híbridas fortalecem a articulação entre teoria e prática, ao mesmo tempo em que estimulam a criatividade, a reflexão crítica e a inovação.

Nesse horizonte, a formação em Psicologia pode consolidar-se como um processo crítico, ético e humanizador, em sintonia com as demandas de uma sociedade plural, digital e interconectada. As contribuições de Blasius (2021) reforçam essa perspectiva ao apresentar estratégias operacionais para a implementação de práticas inovadoras, destacando a relevância de ambientes de aprendizagem colaborativos, criativos e inclusivos.

Um dos principais potenciais das metodologias ativas reside na possibilidade de integrar teoria e prática desde os momentos iniciais da formação. Em contraste com modelos que concentram experiências práticas nos estágios finais, propostas como análise de casos simulados, oficinas interativas e ambientes virtuais permitem o desenvolvimento progressivo de competências profissionais, configurando trajetórias formativas mais articuladas e coerentes com as exigências do campo de atuação.

Por fim, a incorporação dessas abordagens no ensino de Psicologia evidencia a necessidade de um redesenho curricular que ultrapasse intervenções pontuais e alcance uma reconfiguração mais ampla do projeto formativo. Esse movimento envolve a revisão do papel do curso, a redefinição das práticas avaliativas e a ressignificação dos espaços de aprendizagem, em direção à constituição de um ecossistema educacional mais aberto, interdisciplinar e socialmente comprometido.

Retomando a ideia de transformação estrutural, compreende-se que não se trata de ajustes periféricos, mas de um reposicionamento das bases que sustentam o processo educativo. É na articulação entre concepções pedagógicas, práticas institucionais e demandas contemporâneas que se delineiam possibilidades concretas de qualificação da formação em Psicologia. Assim, mais do que uma resposta conjuntural, esse movimento se afirma como condição estratégica para a construção de percursos formativos capazes de potencializar uma

ISSN 3086-2531

atuação crítica, ética e inovadora, em consonância com a complexidade dos contextos sociais em que os futuros profissionais irão intervir.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise empreendida indica que a inovação pedagógica, quando articulada a uma apropriação crítica das tecnologias digitais, configura-se como vetor significativo de reconfiguração do ensino de Psicologia no âmbito do ensino superior. Esse movimento pode ser compreendido a partir de um conjunto de dimensões interdependentes: (i) a reformulação das práticas didáticas, com o deslocamento de modelos centrados na transmissão de conteúdos; (ii) a valorização do protagonismo discente nos processos formativos; (iii) a incorporação reflexiva das tecnologias digitais como mediações educativas; (iv) a ressignificação dos dispositivos avaliativos; e (v) o fortalecimento das condições institucionais e da formação docente como sustentação dessas mudanças.

No plano didático-pedagógico, observa-se a transição de abordagens expositivas para estratégias participativas, tais como aprendizagem baseada em projetos, estudos de caso e simulações. Inspiradas nas contribuições de Freire (2013) e Imbernón (2016), essas práticas enfatizam a centralidade da participação discente, a interação social e a construção compartilhada do conhecimento, favorecendo experiências de aprendizagem mais situadas e dotadas de sentido. Nesse contexto, as tecnologias digitais ampliam tais possibilidades ao diversificar tempos, espaços e linguagens de aprendizagem, desde que orientadas por referenciais pedagógicos consistentes e criticamente fundamentados.

No que concerne à avaliação, evidencia-se a necessidade de superar modelos restritos à aferição da memorização, incorporando abordagens que considerem os percursos formativos. Instrumentos como portfólios digitais, projetos colaborativos e práticas de autoavaliação apresentam-se como alternativas mais coerentes com dinâmicas educativas pautadas na participação ativa, na mediação tecnológica e na construção processual do conhecimento.

Outra dimensão relevante refere-se à redefinição do papel docente. O professor deixa de ser concebido prioritariamente como transmissor de conteúdos e passa a atuar como mediador, orientador e facilitador das aprendizagens. Tal deslocamento implica investimento contínuo em desenvolvimento profissional, aprimoramento pedagógico e construção coletiva de saberes entre pares, conforme enfatiza Imbernón (2016).

No âmbito institucional, torna-se evidente que a consolidação dessas transformações depende da existência de políticas que fomentem a inovação, a colaboração acadêmica e a flexibilização curricular. A constituição de ambientes de aprendizagem interdisciplinares, aliada ao investimento em infraestrutura tecnológica e conectividade, configura-se como condição fundamental para a viabilização dessas mudanças.

Adicionalmente, a expansão da educação digital introduz possibilidades de ampliação do acesso e da participação no ensino superior, especialmente por meio de modalidades híbridas e remotas. Contudo, tais potencialidades não se concretizam de maneira automática, sendo atravessadas por desigualdades no acesso, nas condições de uso e na apropriação dos recursos digitais, o que demanda ações institucionais e políticas comprometidas com a democratização dessas condições.

No campo específico da Psicologia, destaca-se o fortalecimento da articulação entre teoria e prática, viabilizado por estratégias como a Aprendizagem Baseada em Problemas e o uso de simulações, que possibilitam o desenvolvimento de competências profissionais em contextos análogos à realidade de atuação.

Por fim, compreende-se que essas transformações não se configuram como um processo linear ou homogêneo, mas como um movimento contínuo, coletivo e situado. Sua consolidação está intrinsecamente vinculada à construção de uma cultura acadêmica orientada pela colaboração, pela inclusão e pelo compromisso social, na qual tecnologias, metodologias ativas e princípios formativos se articulam de maneira crítica, abrindo espaço para práticas educativas mais reflexivas, contextualizadas e socialmente relevantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta investigação permitem afirmar que a inovação pedagógica, quando sustentada por uma apropriação crítica das tecnologias digitais, não constitui um elemento periférico, mas um eixo estruturante na reconfiguração do ensino superior, especialmente no campo da Psicologia. Longe de se reduzir à adoção de recursos ou estratégias isoladas, inovar implica tensionar fundamentos, deslocar paradigmas e reorientar intencionalidades formativas, incidindo diretamente sobre as práticas didáticas, os referenciais metodológicos e os modos de avaliar.

Nesse percurso, as metodologias ativas evidenciam-se como dispositivos privilegiados

ISSN 3086-2531

para a construção de processos formativos mais dialógicos, reflexivos e socialmente situados. Ancoradas em referenciais como Freire (2013), Vygotsky (2001) e Imbernón (2016), tais abordagens potencializam a articulação entre teoria e prática, promovendo o desenvolvimento integrado de competências cognitivas, técnicas e socioemocionais indispensáveis à atuação em Psicologia. Ao deslocarem o estudante para o centro da experiência educativa, contribuem para a constituição de sujeitos críticos, capazes de interpretar e intervir na realidade de maneira ética e fundamentada.

Entretanto, a incorporação de tecnologias digitais, embora amplie possibilidades de acesso, interação e flexibilização dos percursos formativos, não produz, por si só, transformações substantivas. Seus efeitos permanecem condicionados às mediações pedagógicas, às condições institucionais e às disputas que atravessam o campo educacional. Tal constatação reforça a necessidade de uma abordagem que recuse tanto o tecnicismo quanto o determinismo tecnológico, reconhecendo as tecnologias como construções socioculturais cujo potencial formativo depende de projetos pedagógicos críticos e contextualizados.

Adicionalmente, a redefinição do papel docente emerge como dimensão incontornável desse processo. A passagem de uma lógica transmissiva para uma atuação mediadora exige investimentos contínuos em formação, revisão curricular e consolidação de políticas institucionais que sustentem práticas inovadoras. Do mesmo modo, a transformação das culturas acadêmicas — ainda marcadas por modelos tradicionais — revela-se condição necessária para a consolidação de propostas educativas mais colaborativas, interdisciplinares e inclusivas.

Diante desse conjunto de elementos, torna-se evidente que a inovação no ensino de Psicologia não pode ser compreendida como tendência passageira ou resposta contingente às demandas tecnológicas, mas como uma exigência estrutural vinculada à própria qualidade da formação superior. Trata-se de um processo contínuo, coletivo e situado, que demanda compromisso ético-político com a democratização do conhecimento, a valorização da diversidade e a formação de profissionais capazes de atuar criticamente em contextos complexos.

Em síntese, a articulação entre metodologias ativas, tecnologias digitais e princípios humanizadores não apenas redefine os contornos do processo educativo, mas inaugura possibilidades concretas para a construção de um projeto formativo mais crítico, inclusivo e

ISSN 3086-2531

socialmente comprometido. É nesse horizonte que se inscreve o desafio — e, ao mesmo tempo, a potência — de reinventar o ensino de Psicologia no ensino superior, em consonância com as demandas e contradições do mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello (Orgs.). **Ensino híbrido:** personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015.

BLASIUS, Debald. **Metodologias Ativas no Ensino Superior: o protagonismo do aluno**. [S. l.]: Penso, 2021.

CARBONELL, Jaume. **A aventura de inovar:** a mudança na escola. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CHRISTENSEN, Clayton M.; EYRING, Henry J. **A universidade inovadora:** mudando o DNA do ensino superior de fora para dentro. São Paulo: HSM, 2013.

CLARK, Burton R. **Criando universidades empreendedoras:** caminhos organizacionais de transformação. Brasília: UNESCO, 1998.

ETZKOWITZ, Henry. The Triple Helix of University-Industry-Government: A Laboratory for Knowledge Based Economic Development. **Journal of the Triple Helix Association**, v. 1, n. 1, p. 4-27, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

IMBERNÓN, Francisco. **Inovação educacional no ensino do futuro**. Porto Alegre: Penso, 2016.

MORAN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. *In*: SOUZA, Carlos Alberto de; MORALES, Ofelia Elisa (Orgs.). **Convergências midiáticas, educação e cidadania:** aproximações jovens. Ponta Grossa: UEPG, 2015. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf. Acesso em: 15 jul. 2025.

MOROSINI, Marília Costa; FERNANDES, Cleoni Maria Barboza. A Qualidade da Educação Superior e o Complexo Exercício de sua Avaliação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 19, n. 57, p. 315-344, 2014.

SLAUGHTER, Sheila; LESLIE, Larry L. **Academic capitalism:** politics, policies, and the entrepreneurial university. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1997.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Trabalho original publicado em 1934).

ISSN 3086-2531

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Agradecimentos

À minha filha, **Ana Clara**, minha maior inspiração e razão de perseverar. A você dedico cada passo desta caminhada. Agradeço, do fundo do coração, pela compreensão nos momentos em que minha presença precisou ser dividida entre o amor de mãe e as exigências da vida acadêmica. Sua paciência, seu carinho e seu incentivo silencioso foram o alicerce que me sustentou nos dias mais desafiadores. Em sua alegria e em seu amor incondicional encontrei força, coragem e esperança para seguir em frente. Este trabalho também é seu, pois foi ao seu lado que aprendi, todos os dias, que persistir e acreditar sempre vale a pena.

À minha orientadora, **professora Elisabeti Cerutti**, manifesto minha mais profunda e sincera gratidão. Sua orientação foi muito mais do que um acompanhamento acadêmico: foi um encontro de confiança, incentivo e crescimento intelectual. Agradeço pela generosidade em compartilhar conhecimentos, pelo rigor científico que qualificou este trabalho e pela sensibilidade em conduzir cada etapa deste percurso. Sua dedicação, olhar atento e capacidade de instigar reflexões ampliaram minha forma de pensar a pesquisa e a educação. Levo comigo não apenas os aprendizados acadêmicos, mas também a inspiração de sua postura ética, comprometida e humana. Muito obrigada por acreditar em mim e por tornar esta jornada de mestrado uma experiência tão significativa de formação e transformação pessoal e profissional.

Recebido em: 13/03/2026.
Aceito em: 10/04/2026.